

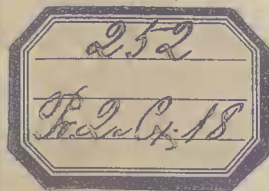
212  
Pode representar-se / Inspeção  
dos Theatros em S. de Marco  
de 1856 / Munguio



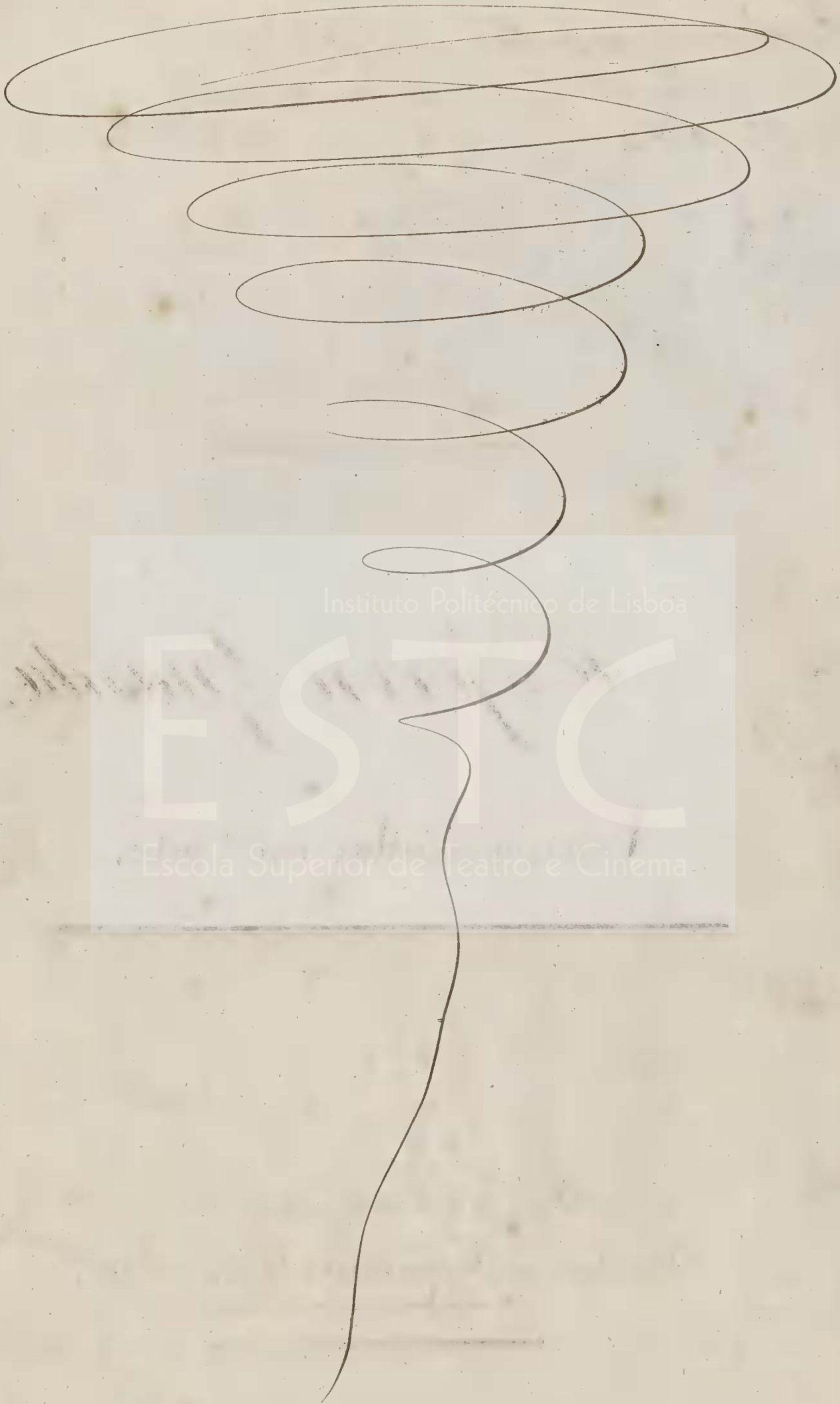
Vol 28

Instituto Politécnico de Lisboa  
Ao Jovem Guarda.  
Comédia militar em 2 actos.

Para se representar no  
Theatro do Gymnasio Dramatico.



1856.



Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

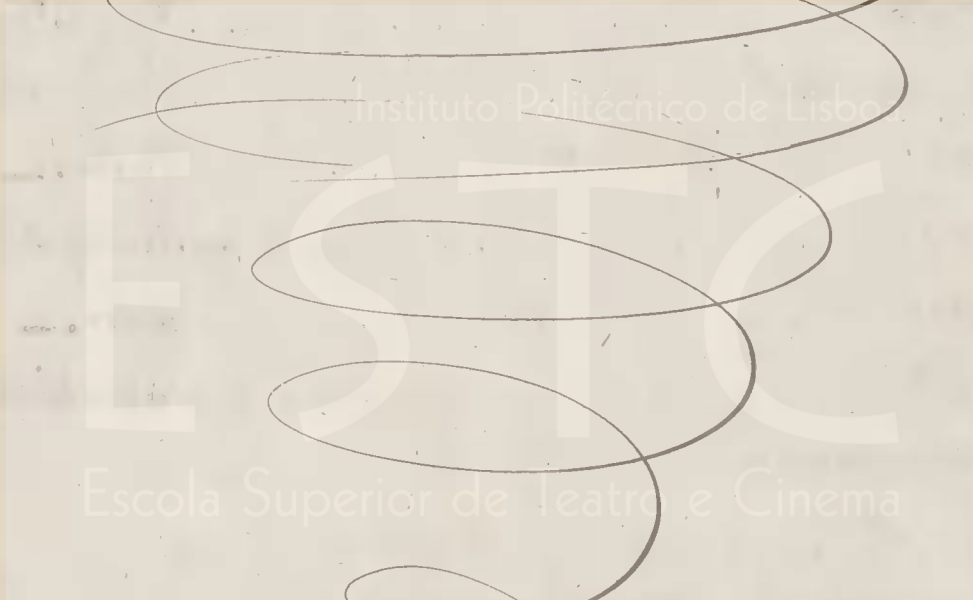
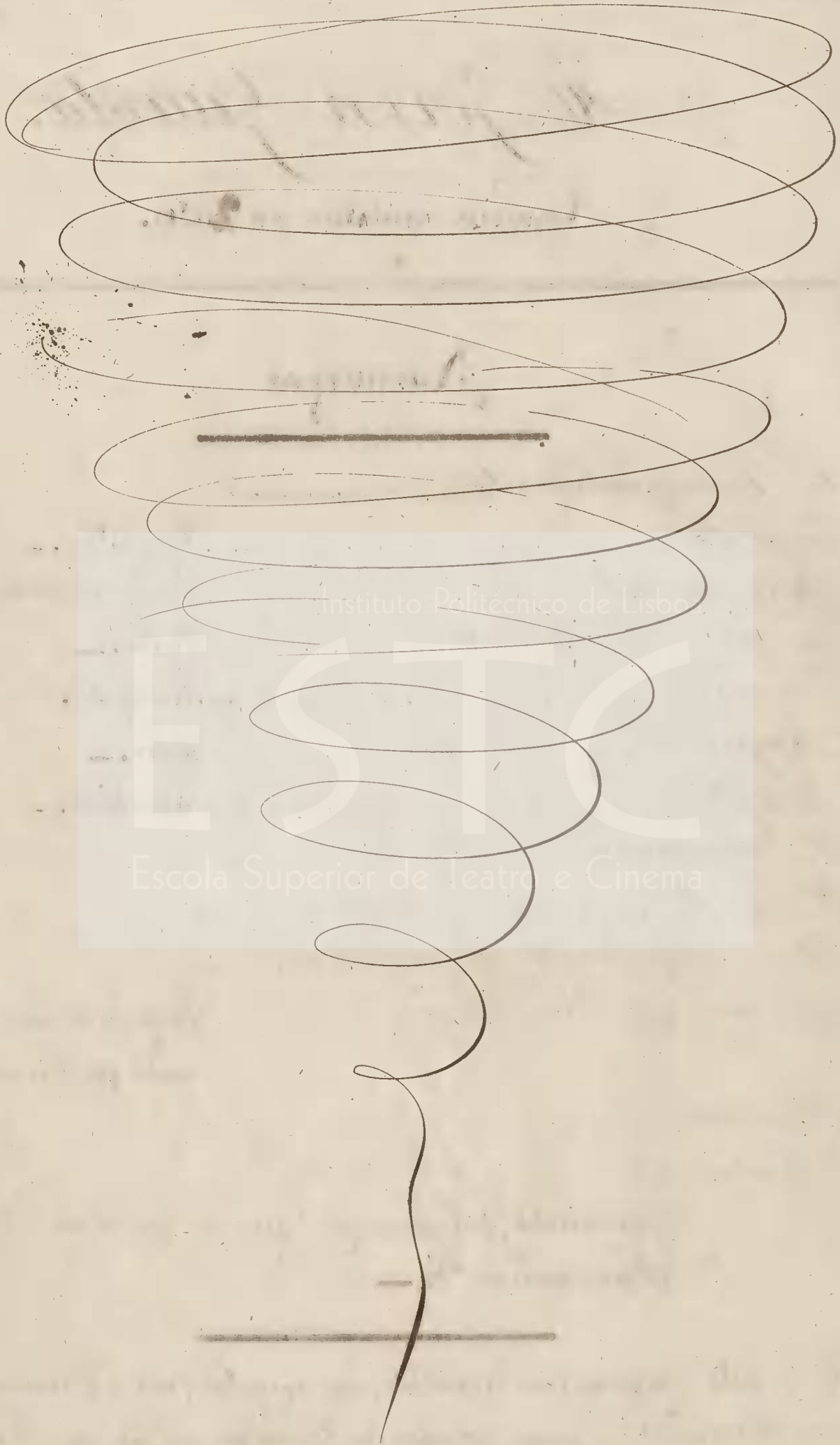
# A Joven Guarda.

Comedia militar em 2 actos.

## Personagens.

- |  |   |
|--|---|
| O Commandante .....  | Capitão. —                                    |
| Emilia Ernesto .....   | Sargento instructor. —                        |
| Grão-de-sal .....  | Breço. —                                      |
| Simão .....  | Sargento. —                                   |
| Theodoro .....   | Cabo. —                                       |
| Progne .....   | <del>Alfama</del> .....                       |
| Rufino .....   |   |
| Alumino .....  |   |
| Al. " J. " .....   |   |
| Um Ajudante de Napoleão .....  |   |
| Condessa de Waldemar .....   | Superiora de um Con-<br>vento de Canonizas. — |
| Escolastica .....  |   |
| Malvina .....  |   |
| Canonizas, Soldados da Guarda veterana, Alumnos,<br>Estado-maior &c. — |   |

O 1.º acto passa-se em Versailles, no quartel dos Alumnos. — O 2.º  
na Alemanha, n'uma possessão da Condessa, ao pé de Lutzen. —  
Em 1813. —



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



3

# Acto 1.º

---

Pátio do quartel da Joven Guarda. Ao fundo arvores. À esquerda os jardins. Ao primeiro plano à direita - a casa do Commandante, mais adiante o quartel. -  
Grão verde que cerca o pátio pela parte de fora.

---

## Cena 1.ª

### Grão-de-sal, e os Alunos.

(Ao levantar o pano - Grão-de-sal faz com os Alunos algumas contramarchas no som do Coro seguinte.)

(Coro.)  
mm

---

(Quando acaba o Coro ficam todos em linha.)

Grão (commandando ainda e magistralmente.)

Direita perfilar!.. Descançar arm's!.. Ombro arm's!..  
(figuras movimentadas = ~~maximamente~~) Não é isto!.. primeira

fôrma... Ombró arm's! (iguales movimientos = mur-  
murios.) Silencio nas filas! Olhem, olhem p'ra  
aquillo!.. N.º 3 - um passo em frente. -

Roque

Presente, meu Sargento! -

Grão

O' desgeitoso, tu és filho d'algum Sachristão? Pegas  
na arma como quem pega n'uma tocha?.. (tirando-  
do-lhe a arma, e fazendo a evolucion)

Roque (com orgulho)

Meu pai morreu quartel-mestre!

Grão

Esta bom, entre ~~na~~ fôrma! (empurra-o p' a fôrma.)

Roque (entrando na fila)

Maldicto grão-de-sal!..

Grão

Levade remor Silencio, já c'ispe!.. Apresentar arm's!.. Ombró  
arm's!.. Tracar arm's!.. Fôra (da fôrma, romper...)

Todos (rompendo a fôrma e levando  
tando as armas ao ar.)

Viva o nosso sargento! Viva!.. (vão deixar as armas  
e tiram das patronas cordas, piões, Ar.º e põe-se a jogar)

Rufino

O' Augusto, dá-me cá o teu pião, se queres ~~ver~~ co-  
mo elle brinca! (Quadro muito animado.)

N.º Alumno (atando a corda ao pião.)

O que tu queres s' entortar-me o ferrão!.. (recu-  
sando.)

do mesmo tempo.

Rufino (fazendo pé cocho e pulando)  
Vamos ao pé cochinho!..

Roque (tirando um lenço)  
Vamos á cabra cega!..

Rufino (a Grão-de-Sal.)  
O Sargento, vamos ao pé cochinho?..

do mesmo tempo.

2.º Alumno (tem ditado o pião, e quer  
passalo p. a palma de  
Grão-de-sal.)

Agora a mão

1.º Alumno (a Grão-de-Sal.)  
Até, aqui está corda, ande!.. (dando-lhe o pião  
e a corda.)

Grão (furiado)  
O patife, queres que t'á até ao pescoco?.. (arran-  
cando-lhe a corda.)

Roque (a Grão-de-Sal.)  
O Sargento é que hade fazer de cabra cega!..  
(pondo-lhe um lenço nos olhos)

Grão (empurrando)  
Nem de cabra-cega, nem de cabra com vis-  
ta!.. Deixem-me com seiscentos demônios!..  
(Uns cercam Grão-de-sal, outros jogam o pião e o pé  
cochinho mais ao fundo.)

Roque  
Olha o Grão-de-sal que s'aquece!..

Todos (apupando)  
Ah! ah! ah!..



Grão  
O que todos precisavam era que eu lhes viras-  
se a frente á retaguarda e os surrisse com es-  
te cinturão! - (tirando)

Todos (crescendo p.<sup>a</sup> Grão e fa-  
zendo-se valentes.)  
Em? em? - o que é lá isso... (Grão - tira o cin-  
turão e ameaça surrillos; - elles fogem)

Grão  
Ora aqui estão os guerreiros que o governo me  
manda ensinar! - Que humilhação, que vergo-  
nha p.<sup>a</sup> um veterano da Guarda Imperial!  
(pouco outra vez o cinturão)

Todos (vendo que elle põe o  
cinturão, e aproximando-se)  
Olhem, olhem, teve medo!... ah! ah! ah!..

Grão (furioso)  
Fujam, vão-se, que os leve o demónio!  
'Stou tão farto de taes machacares,  
Que se eu fosse Imperador dos Franczes  
Prohibia que houvessem rapazes!..

Todos  
Rapazes!.. ah! ah! ah! ah!..

Grão  
Sim Senhor; eu não sei p'ra que nunca  
Serão bons semelhantes guerreiros; -  
Só p'ra guerra com caixa d'assucar  
E que serve quem cheira a coeiros!..



5  
Mina  
P

Todos

O Commandante! o Commandante!.. (Todos cessam  
de jogar, perfilam-se, e fazem continencia ao Commandante)

1                      Cena 2.<sup>a</sup>                      2

Grão-Ce-sal, Commandante, e  
os Alumnos.

Commandante

Bons dias... bons dias, meus filhos... Ah! Tam-  
bem aqui estás, Grão-Ce-sal?!

Grão

Presente, meu Commandante! — (Os Alumnos reti-  
ram-se)

Commandante

Então, que tal te vais dando?

Grão

Muito mal!.. Comu, bebo e durmo quando  
tenho vontade... Esta vida não me quadra!

Comm.<sup>te</sup> (sorrindo.)

Entendo; preferias antes as privações e a activi-  
dade do campo da batalha! —

Grão

Verdade seja, meu Commandante, mais me  
divertia andar á bayonetada aos Russos, do  
que estar aqui feito uma seca de toda essa  
creançada... pareço abim a modo uma cadella  
rodeada de todos os cachorros, seus descendentes! —

Comm.<sup>ta</sup>

O nobre Imperador assim o quer! -

Grão

Oh! então... (mandando) Callar bocas!.. (põe os dedos na boca.)

Comm.<sup>ta</sup>

S. Mag.<sup>o</sup> querendo proteger os orphãos d'esses valentes que morreram no Campo, mandou-me organizar este corpo, que um dia virá a ser a guarda veterana de seu filho! -

Grão (de máo humor)

~~De máo humor~~ Guarda veterana que joga o pé cochinho, e apomha piões á unha!.. Deixe-me expressar assim! -

Comm.<sup>ta</sup>

Nós fomos os escolhidos p.<sup>a</sup> a sua educação militar, e o Imperador que nos fez tal honra, lá teve as suas razões. -

Grão

Mais me teria honrado - se tivesse escolhido outro p'ro meu lugar! -

Comm.<sup>ta</sup>

Tem paciencia, talvez d'um dia p'ro outros succeda o que desejas!

Grão

Ando n'estas celigencias! -

Comm.<sup>ta</sup>

Entretanto - venho pedir-te um obsequio. -

*[Handwritten signature]*

Gras  
Um obsequio a mim?... Ah! meu Commandante, falli;  
se precisa da minha cabeça - ella aqui esta! -

Comm.<sup>te</sup>  
Hade aqui vir uma menina...

Gras  
Servicos femininos?... (encovitando o bigode) Estou no  
meu cha! - O' Commandante, e que tal de ta-  
boleta?

Comm.<sup>te</sup> (torcendo)  
E' minha filha! - (movimento de gras) Hade vir com  
uma Sr.<sup>a</sup> de idade, e como eu não posso aqui es-  
tar - tu as conduzirás alli... a minha casa. -

Gras  
Ah ordens, meu Commandante! - (preparando-se)

Comm.<sup>te</sup>  
E' o que tinha a pedir-te... até logo. (sae.) E

Gras (ri.)  
Em?... Entao elle sae-se agora com uma filha?  
Como demonio do pé p'ra mão... (toja de tam-  
bór.) Ah! pois, ali temos o resto da minha gente que  
chega de Saint-Cloud. -

Scena 3.<sup>a</sup>  
Grão-de-Dal, Ernesto, Theodoro,  
e todos os Alumnos. -

Theodoro (de m. mãos humos, aterando com  
a espingarda p. um canto)  
Com um milhão de diabos, isto é demais, não R



pode suffer! -

Roque 3

Que ha de novo p. Saint-Cloud, Theodoro?... (Ernesto tem sido sentar-se á direita, em quanto que - Grao de sal sentado n'um banco á esquerda, far lume e accende o cachimbo)

Theodoro

A macada do costume! - Chegamos agora mesmo, eu e alli o Cappitao (indicando Ernesto) de fazer a guarda d'honra a S. M. Imperial o Rei de Roma.

A Grao (cassando)

E' um servico muito pesado! nao sei como poderam!

Theodoro (furioso)

Pensar que estive <sup>x 2 horas</sup> d'arma ao hombro, fazendo as honras a um Rei de Bannos - que ainda chora e come especiones!... E' cassar com todos nós... p. q. enfim - ou bem que somos homens, ou bem que o não somos! -

Todos (com resolucao)

E' verdade!

Grao

Eu tambem digo o mesmo, ou bem que são homens, ou bem que o não são... ahi e' que esta a dificuldade!

Theodoro

Porque?..

Grao

Porque p. serem homens ainda lhes falta muito!



Deixem-me expressar assim! -

Theodoro

Não provaríamos o contrario - se em lugar de nos terem aqui presos, nos mandassem atacar o inimigo! - (avançando p.<sup>a</sup> Grao com enthusiasmo)

Grao

Por - os meninos só se atacassem algum fto de carne assada! -

Theodoro

Não nos chame meninos, com isto é que eu im-  
birro!...

Grao

Pois então vão jogar o alfinete lá p'ra longe, e deixem-me fumar o meu cachimbo, seus melcatrefes!...

Todos (furiosos)

Melcatrefes?! Pois elle chamou-nos melcatrefes!?

Theodoro (aos Alumnos)

Deixem, deixem-me comigo! - (tomando um ar ameaçador.) Saiba que nos dirigis uma offensa, e que se não fosse a disciplina... (com força) arrancava-mos-lhe toda uma orelha!... (Avançam todos p.<sup>a</sup> Grao.)

Grao

Arreda, olhem que eu dou um apopro e atiro-os a todos pelo ar! (Elles recuam um pouco)

Theodoro (avançando)

Não lhe temos medo! hade-nos dar uma satisfacão! (cercam-no de novo)

Grão (desesperado)

Ora! ora! ora! - quem havia de dizer que o Sargento Grão-de-sal, depois de ter espletado mais de seiscentos Russos, sem contar os Prussianos, se havia de ver reduzido a aturar esta sucia de badamêcos!...

Theodoro (dando uma patada

no chão.)

Outra vez - Sargento, olhe que a mostarda já me vai e chegando ao nariz! - (volta-lhe as costas)

Grão

Pois deixem estar, que mesmo por isto já escrevi ao Imperador. -

Todos

Ao Imperador?! Pois escreveu ao Imperador?

Roque

E pôde-se saber p. que foi, Sr. Sargento & Ernesto que tem estado ao fundo como esperando por alguém, vem á boca da scena e escuta.)

Grão

Para lhe pedir a graça, de me mandar a marche marche p'ra Alemanha - reunir ao meu regimento! -

Roque

E julga que o Imperador se occupará em responder-lhe! ah! ah! ah!...

Grão

Pois não havia responder a um veterano da sua Guarda Imperial? Por ora o Imperador teve um bocado d'educação!...

8  
H. J. J.

Theodoro

Não tinha elle mais nada que fazer!.. (vai  
ter com os outros, e trocam todos e caçoam do Sar-  
gento.)

Grão (á p.)

E agora que acabei o tabaco, ~~vão a vestir a~~  
~~guarda rica,~~ <sup>vou</sup> ~~para~~ <sup>esperar a filha do Com-</sup>  
mandante! ~~(Alto)~~ <sup>Ades rapazes!</sup> —

Theodoro

Vá Ceypressa, — olhe o Imperador que já anda  
á sua procura! —

Todos

Ah! ah! ah!..

(Coro.)

Todos (fazendo troca a Grão.)

Grão.

Não se detenha  
Vá, não s'esqueça,  
Ah! ah! ah! ah!  
Sim, vá e venha  
Vá, vá Ceypressa  
Ah! ah! ah! ah!..

Não me petersho  
Vou, não m'esqueço,  
Ah! ah! ah! ah!  
Sim, vou e venho  
Vou, vou Ceypressa  
Ah! ah! ah! ah!..

{fazendo troca  
aos alumnos.}

Grão sai, e tambem alguns Alumnos p. o lado do jar-  
dim.)

1.ª Cena 2.  
Theodoro, e Ernesto.



Ernesto

Pobre Sargento! Não é elle só que se mortifica por estar aqui sempre metido! —

Theodoro

É verdade, tu tambem andas ha uns dias assim não sei como! — Dar-se-ha caso, como vieste do Collegio militar de S. Cyrô, que te envergonhes de ser nosso camarada?

Ernesto

Não, não. — estás enganado! (ap.) É Simão, Limaõ que não volta!

Theodoro

Ah! estás á espera do muleque!.. Não tarda por ahí!

Ernesto

Pobre Simão, ha tres mezes que todos os dias procura vêr-me, sem que eu possa saber donde nasce tão grande amizade! —

Theodoro

O maldicto nunca falta á hora do descanso! —

Ernesto

Durante a qual tu te divertes em martyrisalo!

Theodoro

Pra que é elle preto?... Estou no meu direito! —  
A modo que hoje já vai tardando! — (dirige-se p.<sup>o</sup> fundo do.)

Ernesto (ap.)

Com que impaciencia espero o resultado da carta q.<sup>e</sup> elle levou! — ~~At.~~ logo, Theodoro, vou receber as ordens



do Commandante! (Lae.)

Scena 5.<sup>a</sup>  
Theodoro, Simão <sup>rodeado dos Alumn-</sup>  
nos, depois Ernesto

Alguns Alumnos, (trazendo Simão em cha-  
rola.)

Elle aqui está! aqui está o preto!.. Vamos a elle!..  
(coando-lhe canelões.)

Simão  
Não enyurra o preto, que o preto mata um toro  
com os cabeco! (coando-lhe canelões.)

Theodoro  
Põe já as mãos no chão, olha que chuchas!..  
(da-lhe e saca-se.)

Todos  
Mãos no chão, mãos no chão!.. (atortentam-no com  
chulipas, &c.)

Simão (desesperado)  
Foge, foge, que vai marrada como cobra!..  
(faz o signal.)

Theodoro (vem p. tras d'elle deita-lhe as  
mãos aos hombros e dá um que-  
lo que faz dar Simão um  
bate-cú.)

Terra!.. (Os outros avancam e apoqueantam-no)

Ernesto (entrando)  
Então... que é isto? Basta, Theodoro, deixem-no em

par! — (Abreda Theodors. com violencia, — todos os outros  
affastam-se p'isso fundo)

Simão (pejando a mão a Ernesto)  
Oh! Sr. Ernesto, Pai siro!

Ernesto

Entregaste a carta?

Simão (entregando-lhe uma carta)

Ella aqui está outra vez. — Espenina ter sahido de  
Colegio esta manha. —

Ernesto

Oh! meu Deus! como sou infeliz! —

Simão

Infeliz? vós?... (afflicto) Caputão estar infeliz! oh!  
(fazendo acenos a Theodoro)

Theodoro

Sim?... mas então que tens?... Falla, conta-me tudo  
com franquera, não imaginas quanto gosto de ter  
um amigo fiel. — (Roque chega se tambem)

Simão

Amigo fiel... sim, plecto tambem gostar muito de  
fiel amigo! —

Ernesto (levantando-se e collocando-se  
entre os tres.)

Não, não quero occultar-lhes por mais tempo a cau-  
sa do meu desgosto... Saibaem que estou doidamen-  
te apaixonado!

Theodoro

Apaixonado? — dou-te os parabens! — Oh! o amor, o amor!

Simão 1

Pleto não gosta d'amôro. Amôro põe o peito muito flaco. - (descontente)

Theodoro

Conta-nos... Então quem é a Nymppha?...

Ernesto

Um anjo! chama-se Malvina...

Theodoro

Malvina? - A minha chama-se Palmyra. *Sob*

3 Poque (vivamente)

E a minha - Maria! -

2 Simão (privamente)

E a minha... não, não, pleto não tem!

1 Theodoro (dando-lhe um beliscão por detrás.)

Calla a boca, ticcão! - (a Ernesto) Vai dizendo.

Ernesto 3

A primeira vez que a vi foi na Igreja, entre as mais jovens do seu collegio...

Theodoro 1

O que?... Pois ella pertence aquelle enxame de pequerruchas, que todas me querem namorar?

Simão

Deixa contar!

Theodoro (dando-lhe mais forte e vindo collocar-se no meio)

Já te disse que te callas!

3 Ernesto (defendendo Simão)

Um cora ceixon cahir o livro...



Theodoro

Por casualidade, já se sabe! — Eu tenho muita experiência!...

Ernesto

E quando lh'o entreguei tive a ventura de surpre-  
hender em seus olhos...

Theodoro

O sorriso ao costume! —

Simão (rindo)

Sorriso nos olhos! Ah! ah! ah!...

Theodoro (arrumando-lhe um pon-  
tape' p. detrás)

Toma!

Simão (resignado — a Ernesto)

Vá dizendo! (movimento de Theodoro) Não, vós não;  
elle! —

Ernesto (passando p. o meio)

Seguia, e pude descobrir que vivia n'aquelle cole-  
gio que se vê lá' de cima, da minha janella. —

Proque

Ah! p. isto eu dizia: muito estuda agora o Sr.  
meu Capitão! —

Ernesto

Até que não pude resistir, e resolvi-me a escre-  
ver-lhe, valendo-me de Simão para lhe entre-  
gar a carta. —

Proque

Pois mandaste-lh'a por este cabeça d'alcatrão?



11  
~~11~~  
Simão

Sim, mas Blanca velha dizer que Blanca mō-  
ca ter partido de Collegio esta manhã! —

Theodoro

Deixa fallar; foi desculpa p.<sup>a</sup> te não receber a  
carta! —

Ernesto

Pois julgas...

Theodoro (quando se m.<sup>ta</sup> importancia)

Até principio todas se fazem graves; a minha  
Palmyra só á quinta missiva é que me respon-  
den, por signal p.<sup>a</sup> me dizer... (Rufino e alguns  
Alumnos aproximam-se.)

Ernesto, Roque, e Rufino.

O que? o que?...

Theodoro

Que cresce e apparece! (Todos riem.)

Roque

Tambem eu ando ha quinze dias atraz da Maria  
engomadeira e ainda não pilhei senão... (interrom-  
pendo)

Theodoro (interrompendo)

Um abraço?...

Roque

Um supápo!!! (caralhada geral.)

Simão (fazendo surriada e rindo)

E' bem feito! — (Roque atica-lhe)

Theodoro

Eu cá não me admiro! Tenho muita experiencia!  
(Canta.)

Theodoro

2 Um abraço, ou um supápo  
Já p'ra mim não é milagre,  
Que as mulher's e as laranjas  
Ou são mel ou são vinagre!-

Todos

Sim sim é verdade  
Voi todos sabemos,  
Tractal-as devemos  
Tambem com rigor!

(ouve-se tocar dentro uma sineta.)

Proque

Ouvem, ouvem?... (Todos os Alumnos entram no quartel  
a' direita. Simão saffá-se pela esquerda.)

Escola Superior de Teatro e Cinema

2 Cena 5.<sup>a</sup>  
Theodoro, e Ernesto.-

Theodoro (a Ernesto q' tem ficado pen-  
sativo.)

Não ouviste, Ernesto? - Vamos p' dentro.

Ernesto

Sim, sim; eu vou já! - (dá alguns passos p' o fundo, e de-  
tem-se repentinamente.) Oh! meu Deus!..

Theodoro

Que é? Viste alguma coisa?

Ernesto

É ella, Theodoro; é ella!..

Theodoro (correndo)  
Ella!.. Bravo, como é catita!..

Ernesto  
É eu que a julgava ausente! Que ventura!—

Theodoro (olhando)  
Espera... e vem acompanhada pelo Sargento Grão-de-sal!—

Ernesto  
Oh! se eu lhe pudesse fallar!..

Theodoro  
Quem te peja?..

Ernesto  
Não, nunca me atreverei!—

Theodoro (resolutamente)  
Pois eu lhe fallo por ti... faz tu valer as tuas qualidades phyzicas e pessoais, e confia na minha eloquencia... (Elles entram) Attenção!—

Scena 7.<sup>a</sup>  
Os mesmos, Grão-de-sal em grande uni-  
forme. Mahina, cando o braco a Grão-de-sal  
que se paraceteia todo.

Grão (dirigindo-se ao bastidor opposto)  
Apoie-se, menina, apoie-se ao exercito! Tem aqui um braco mais riço — que o mastro grande d'uma Návo Inglesa!—

Theodoro 3  
Olá!.. É o nosso amavel Sargento!.. (tomando-lhe o paço.)



Malvina prende Ernesto

Ah!...

Grão (à pte.)

Após!.. (alto) Elle mesmo em corpo e alma!-

Theodoro

~~Que lavoura! Estás de serviço?~~

Ernesto

Onde vais com tão linda Companhia?

Grão

Vou... vou... onde m'esperam!- (querendo evitalos)

Ernesto

Pra que é tanta pressa?... Conversa um bocadinho...

Esta menina pertence-te?

Grão (à pte.)

Ah! elles querem Cerrico!.. (alto e com resolucao) Pertence-me, é verdade, - e pertence-me muito de perto!-

Theodoro

É tua parenta?

Grão

É sobrinha da filha mais velha d'um cunhado da minha avó!- deixem-me expressar assim!-

Theodoro e Ernesto

Ah!...

Grão

Com que, meus amiguinhos, a sua companhia é muito agradável, mas o Commandante está á minha espera, e... (falha falsa)

Ernesto (detendo, e surpreendido)

Vão a casa do Commandante?!..

13  
*[Signature]*

Grão (dando-se importancia)  
Se não ordena o contrario! (Chegam ao pé do ba-  
tidor.)

Theodoro  
Pois vais em má occasião. O Commandante sa-  
hiu agora mesmo. —

Grão  
O que?... (voltando-se) Pois elle sabio?

Theodoro ~  
N'este instante, e segundo o costume levou a cha-  
ve consigo. —

Grão L  
Oh! co' a fortuna!...  
Ernesto (bainha a Theodoro)

Theodoro (o m.<sup>ms</sup>)  
Agora, agora. (Alto e rapidamente) Se entretanto es-  
ta menina quer descansar... aqui está o jardim  
(mostrando Ernesto) do meu amigo... onde ha um  
bello apento construido pelo meu amigo... rosas  
magnificas cultivadas pelo meu amigo... e que  
serão com muito gosto offerecidas pelo meu ami-  
go! — (paizo a Ernesto) Offerece-lhe uma rosa, anda!

Ernesto (com vivera)  
Certamente, se esta Sr.<sup>a</sup> me quer fazer a honra  
de aceitar... (vai colher rosas)

Malvina  
Não desejo causar encommo.  
\*  
#

Grão

Diz bem... não s'encommode, Cappitão; nós não gos-  
tamos de rosas senão feitas em licôr! —

Malvina

Eu sou louca por flores!

Theodoro (a Grão)

Olha, ouves?

Grão

Ah! se a menina gosta, então arranquem-lhe as  
roseiras todas pela raiz! —

Theodoro (tirando o ramo de rosas  
que Ernesto tem feito.)

Oh! que bella idéa! — (a Ernesto baixo) Dá-me a carta.  
Ernesto (baixo)

A carta? para que?

Theodoro (o m. m.)

Dá-m'a, já te disse!

Ernesto (o m. m. dando-lh'a)

Toma! —

Theodoro (dando o ramo a Malvina,  
dentro do qual tem metido  
a carta.)

Aqui está, minha Senhor... olhe... olhe a do centro  
como é linda! — (Indica a rosa do Centro com intenção, e obri-  
ga Ernesto a passar p. o seu lado.)

Ernesto

Não tão linda, nem tão pura como sua possuidora!

Malvina (fazendo-lhe uma corteia)

Meu Senhor! —



*[Handwritten signature]*

Theodoro (cumprimentando-a de outro lado.)

Minha Srr.<sup>a</sup>! -

Malvina (o m.<sup>mo</sup>)

Meu Srr.<sup>a</sup>! -

Ernesto (o m.<sup>mo</sup>)

Minha Srr.<sup>a</sup>! -

Grão (a' p.<sup>ta</sup>)

Ficam toda a vida no = Meu Srr.<sup>a</sup>! minha Srr.<sup>a</sup>! -  
(alto.) Malvina, uma vez que o Srr. Commandante não está em casa, vamos dar uma voltinha, p.<sup>a</sup> fazer horas! - (Da' com ella uma volta p.<sup>a</sup> o fundo. Theo- dor e Ernesto seguem-nos.) sobe

Theodoro

E' o melhor, nós tambem acompanhamos! -

Grão (parando-se)

Nada, nada, não preciso que me cubram a retina, guarda! - (para no meio do theatro) 2

Comm.<sup>te</sup> (apparecendo a' janella)

Que é isto, Sargento? que fazes ahí parado?

Theodoro e Ernesto. (escondendo-se.) sobe

Oh! o Commandante!... (Theodoro esconde-se atraz da sáia de Malvina.)

Malvina (fazendo um movimento de alegria p.<sup>a</sup> seu pai.)

Meu pai!...

Ernesto (oculto atraz d'uma arvore re = a' p.<sup>ta</sup>)

Seu pai?!

1 Grao (espantado)  
O' Commandante, já está em casa? Então entrou  
pelo telhado?

Comm. (rindo.)  
Ha que tempos que os estou esperando!..

Grao (caindo em si e rangido)  
Ah!.. foi esportera cá das breanças!..

Theodoro (beijando entretanto a mão  
de Espalvina, que lh'a quer  
retirar.)

E' pelo meu amigo! pelo meu amigo!..

Comm. (rindo.)  
Entrem, entrem! (Fecha a janella)

Grao  
Lá vamos, meu Commandante, lá vamos!.. (voltan-  
do-se p. Theodoro que permanece imóvel.) Ao exercicio  
fallaremos, sen espinafre!.. (Faz com Espalvina pelobraceo)

1 Cena 8.<sup>a</sup>  
Theodoro, e Ernesto.

Theodoro (rindo.)  
Ah! ah! ah! Ficou derrotada a guarda vetera-  
rana!.. (A Ernesto.) A pequena lá leva a carta.  
Ernesto

Ah! meu Deus!..

Theodoro (arremedando)  
Ah! meu Deus!.. Kanga-te inda em cima!..

15  
*[Signature]*

Ernesto

Não ouviste que é filha do Commandante?

Theodoro

O melhor; quer dizer que virá morar cá p' o quartel! - Ah! que se fosse comigo!...

Ernesto

É a minha carta?.. Se o pai por acaso a encontra...

Theodoro

Não tenhas receio... as mulheres tem artes para tudo... eu fallo p' experiencia...

Scena 9ª

Os mesmos, todos os Alumnos, e  
o Grão-de-Lab

Escola Superior de Teatro e Cinema

Todos (entrando aos saltos d'alegria)

Ha suêto! ha suêto! temos suêto!..

Theodoro e Ernesto

O que, o que?.. temos suêto?!..

Roque

Temos sim; o Imperador veio cacar cá á tapada, e quem nos deu a noticia foi um Ajudante que trouxe uns officios p' o Commandante! - Temos licença todo o resto da semana! - (movimentos alegres de todos.)

2º Grão (entrando muito alegre com um officio na mão.)

Viva o Imperador!.. Acabou-se o collegio, acabaram-se



os badamecos! Aqui está a minha resposta! —

Todos

A resposta!..

Grão (loco d'alegria)

Bem dizia que o Imperador não havia querer ficar por mal-creado!

Ernesto 3

Pois sempre te respondem?..

Grão

A mim mesmo, por mão do seu Adjudante, que entregou o officio ao nobre Commandante, o qual me confiou o ~~subscripto~~ (Mostrando). Vou reunir-me ao meu regimento; parto immediatamente para a Alemanha; creio que vai outra vez haver muita taporia; deixem-me expressar assim! —

Todos

Guerra!..

Grão

E com toda a força, está-se já fazendo um recrutamento de quatrocentos mil homens!

Theodoro 4

E nós ficamos aqui a marcar passo! Esta só por seiscentos demonios! (Jurando)

Grão

Deixem estar, deixem estar que eu lá me batedei por todos! — Deos rapaziada, vou já limpar a fecharia! Juralhes que haode cá ouvir fallar no Sargento-Grão-de-Sal!..

(Canta)

*[Handwritten signature]*

Grão

Já a mim me parece  
Ver quadrados de truz,  
Ouvir já os cavallos  
Catrapuz, Catrapuz!..

Não ha brincadeira  
Apais bella p'ra mim,  
Tomára já ver-me

*(fazendo acção de pôr arma á cara.)*

Pim pim, pim pim, pim!

*(Se correudo.)*

Instituto Politechnico de Lisboa

ESTC

Scena 10<sup>a</sup>

Os mesmos, menos Grão-de-sab.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Theodoro

Estou n'um fogo! e vão vêem como o demonio  
do Sargento e Felix!.. Parte p' o exercito, vai  
bater-se, em quanto que nós... por sêrmos to-  
dos orphaos somos tratados de resto! - Ah! que  
se eu podesse fallar ao Imperador?

Ernesto

Fallar-lhe, não; - mas quem nos impede de  
lhe escrever?

Theodoro

Ao Imperador?

Ernesto

Uma vez que elle até ao Sargento respondeu! -

Theodoro

É verdade, tens razão; toca a escrever ao Imperador. (A Rogue.) Vai ao quartel, e trar-nos pena, tinta e papel. (vão correndo varios Alumnos)  
(Voltando a Ernesto) Tiveste uma boa lembrança, Ernesto; de caminho te distrahes d'aquillo que nós sabemos!-

Ernesto

Dizes bem, e não devemos perder tempo. (Voltam os Alumnos, trazendo o que foi pedido) Rufino, abaixa-te, põe-te em 4 pés - para nos servires de mesa!-

Rogue (com a pena na mão)  
e disposto a escrever sobre as costas de Rufino)

Dizam lá; que querem que escreva?

Theodoro

Deixem-me a mim, eu dicto! - Primeiro que tudo, põe: - (dictando com impáfia) "Sr.!",

"Sr. ... " Que mais? (escrevendo) Rogue

Theodoro

Que mais? Espera. (pensando) Sr. ... Diabo! ... não sei como heide principiar, secor-se-me a musa! - Agora toca a outro!-

Rogue

Eu cá não sei!

Todos

Nem eu! nem eu!-



*[Handwritten signature]*

Rufino

Ohem que já me doem os quadris! —

Ernesto (que tem estado reflexionado)

Companheiros, a minha oppinião é que ponha-  
mos singela e francamente o que sentimos, o que  
temos no coração! Será o meio do Imperador me-  
lhor nos entender!

Todos

Appoiado! appoiado!

Theodoro

Então, ainda, dize lá tu! (fai-o passar)

Ernesto (dicando alto e com enthu-  
siasmo.)

" Sr. ! No momento em que de novo a guerra  
" vai rebentar, no momento em que a França  
" inteira se levanta á vossa voz, os alumnos da  
" Joven Guarda - julgam do seu dever supplicar-  
" vos, não os condemneis por mais tempo á uma  
" vergonhosa inaccção!... "

Todos

Bravo! —

Ernesto (continuando com mais  
força.)

" Se os filhos dos militares em activo serviço,  
" já combatem valorosamente... "

Roque (sempre escrevendo)

E verdade, dizes bem! —

Ernesto (continuando.)

" Quanto maior não deverá ser o ardor d'aquelles

"que tem seus pais a vingar?..."

Todos (com entusiasmo)

Sim, sim!...

Ernesto (continuando com imponente  
fogo.)

"Sim, já que somos vossos filhos adotivos, concedei-nos  
"o baptismo de fogo!"

Todos

Bravo! bravo! assim mesmo!...

Theodoro (a Ernesto)

Deixa-me que te dê um abraço!... Agora assigne-  
mos! (assignam todos)

Roque (com mysterio)

E como havemos fazer chegar o memorial ás  
mãos do Imperador, sem que o Commandante saiba?

Theodoro

Deem-m'o cá, eu me encarrego!

Roque

Eue tenção é a tua?

Theodoro (baixo e depressa)

O Imperador ainda anda na tapada, vou sa-  
hir-lhe ao encontro - e ficamos logo despachados.

Roque

Sim, mas se te vêm sahir o portão?

Theodoro

Mas é que eu salto por cima do muro, lá ao  
fim do jardim... Venham os mais altos servir-  
me de escada. (A Ernesto com intencão.) Tu, Ernesto,  
põe-te de sentinella alli p'r'aquelle lado. (Paffa-se

seguido por alguns.)

Ernesto (chegando-se para a casa do  
Commandante.)

Sim, vai descansado. —

Proque (aos outros Alumnos que  
ficam.)

Postham-se em cordão p' r'o avisarmos ao primeiro  
rumor... vamos, despachem-se!

Theodoro (dentro)

Já cá estou em cima! — (silêncio.)

Ernesto (apertado)

Ora, a voz do Commandante!

1.º Alumno (ao immediato - em voz  
baixa.)

O Commandante! (Passam todos a palavra com ra-  
pidar.)

Todos (sacudindo-se)

Saltou! — (fogem.)

1.ª Cena  
Ernesto, e Commandante

Ernesto (espreitando.)

Parece-me que não o vi. —

Comm.<sup>te</sup> (sem ao principio reparar  
em Ernesto.)

Ah! está aqui, Sr. Ernesto? vinha em sua pro-  
cura! —



Ernesto (perturbado)  
Em minha procura? —

Comm.<sup>te</sup>  
Tenho que lhe fallar! —

Ernesto (à p.<sup>ta</sup>)  
Que ar tão severo!... Terá percebido...

Comm.<sup>te</sup>  
Ernesto, a sua conducta até hoje tem sido irreprehen-  
sível; cêti-o sempre, mesmo diante do Imperador, co-  
mo o modelo d'este Collegio! —

Ernesto  
Não sei, Commandante, em que desmereci...

Comm.<sup>te</sup> (mostrando-lhe a carta, com  
severidade)

Não será sua, esta carta?

Ernesto (consternado)  
Acredite, Commandante, eu ignorava...

Comm.<sup>te</sup>

Que Apalvina fosse minha filha? —

Ernesto

Mas em todo o caso... (com paizão) as minhas inten-  
ções são puras, e o meu amor...

Comm.<sup>te</sup>

Amor!.. Mas se esse amor é uma loucura!..  
(movimento de Ernesto) Sim, uma loucura! Acree-  
dite-me, Ernesto; faça justiça ao seu valor e ao  
seu talento, e se de mim dependesse, não me oppo-  
ria a que minha filha viesse a pertencer-lhe.

19  
*[Signature]*

Ernesto

Oh! como heide agradecer-lhe tanta bondade! —

Comm<sup>te</sup>

Porém, não sou eu quem dispoõe da mão de Malvina. —

Ernesto

Não?!... pois é possível?! —

Comm<sup>te</sup>

Bem sabe que não tenho meios de fortuna... minha filha pertence pelo lado de sua mãe a uma das famílias mais nobres da Alemanha. Sua tia, a Condessa de Waldemar, Superiora d'um Convento de Canonizas, mandou-m'a pedir p'ra' casar a seu gosto, e nomeal-a sua herdeira. Julguei ao meu dever sacrificar o meu affecto — ao ~~provir~~ de minha filha!

Ernesto (afflicto e vivamente)

Quer dizer, que...

Comm<sup>te</sup>

Que dentro d'algumas horas, hade pôr-se a caminho! (Ernesto abate.) Como não posso sair d'aqui, e o meu honrado e fiel instructor — parte p' a Alemanha, elle a acompanhará. —

Ernesto

Partir! deixar-me sem a menor esperanca! oh! —

Comm<sup>te</sup>

Vamos, Ernesto, valor! —

Ernesto (suffocado sem poder fallar.)

Tem razão, Commandante, este amor era uma

loucura, e ainda que me custe a vida, heide conseguir esquecê-lo. —

Comun.<sup>te</sup>

Conto com a sua palavra! (à p.<sup>te</sup>) Pobre rapaz! — se eu possuísse alguma fortuna!.. (a Ernesto) Adeos, preciso dar o ultimo abraço em minha filha. (sa.)

~ Cena 12.<sup>a</sup>  
Ernesto, depois Simão. E

Ernesto  
Acabou-se tudo! — Apén Deus, perdêba p.<sup>te</sup> sempre! — Oh! é ser muito desgraçado!..

Simão (entrando ás ultimas pa-  
lavras.)

Desgraçado?.. Vós estar sempre a chamar-se desgra-  
cado! —

Ernesto

Apuito, Simão; sou muito infeliz! — só tenho es-  
peranças na morte! —

Simão (m.<sup>to</sup> agitado)

Morrer? — Eu não quer que vós morrer nun-  
ca. — Vós pai prohibe por minha boca!

Ernesto (admirado)

Apén pai?!..

Simão (à p.<sup>te</sup>)

Oh! lingua m'escapulis! —

Ernesto

Apén pai! — pois tu conhecestes? —



*[Handwritten signature]*

Simão

Muito! muito! —

Ernesto

E nunca me disseste nada!.. Oh! abraça-me, abraça-me de meu pai! — (Commovido.)

Simão (muito commovido)

Eleto estava em Inglaterra, havia então no hospital muitos prisioneiros Franceses!

Ernesto

Infelizes victimas! —

Simão

Entre elles mim via um pobre official, muito doente e muito doente, que morria quasi ao desamparo!

Ernesto

E esse Official era meu pai!

Simão

Sim, sim! Seu corpo estava coberto de feridas, e mim que tambem ter coração, dar-lhe sempre meu pão e minha cerveja para que pobre Frances não morresse logo! — (mto commovido)

Ernesto (chorando)

Pois tu fizeste isto a meu pai! — Abraça-me, meu bom Simão! — (abraçam-se.)

Simão

Ah que um dia, que vós pai soffrer muito, chamar a mim, e me dizer: "Simão, meu amigo, deixo em Franca um filho, um orphão ao desamparo!" E o pobre prisioneiro chorar

tanto, tanto... (rompendo em soluços) que o peito  
soluçar também! —

Ernesto

Pobre pai!.. (engunga as lágrimas)

Simão

E não poder dizer mais; entrego a mim uma  
carta que mim trax a Imperador, e vós ser  
logo metido n'este collegio! —

Ernesto

O que? — pois é a ti que eu devo...?

Simão (recordando-se)

Ah! E vós pai também dizer: "Se meu filho  
" for bom flancer, e souber ganhar a cruz,  
" pôdes então entregar-lhe..."

Ernesto (interrompendo-o vivam!)

O que? o que?

Simão (enmendoando-se)

Não, não, mim não pode dizer! —

Ernesto

Não importa, eu o saberei! Sim, heide ganhar  
essa cruz; juro pelos martyrios que meu  
pai soffreu!..

Scena 13a

Os mesmos, Theodoro, e mais  
Alumnos.

Todos

Elle aqui está! elle aqui está já se volta!..

21  
*[Signature]*

Theodoro (muito fátigado e rodeado  
dos outros.)

Tafa! Não posso mais! Vim á cressillada! Ale-  
grem-se rapazes, fallei ao grande homem!

Todos!

Ao Imperador?!

Theodoro

Apenas eu tinha dado meia dúzia de passos ouvi  
um cavallo; disse logo: - É o Imperador! - Láhi-lhe  
ao encontro, mas elle ceitou-me uns olhos que me  
hiam fazendo fugir! - (Voz grossa) "Que é que me que-  
res?" (voz natural) "Entregar a V. Magestade este requeri-  
mento." - "Então como sabiste do Collegio?" - "Sal-  
tando por cima do muro!" - Ouvindo isto, sorriu-se  
e perguntou-me: "Como te chamas?" - "Theodoro, Sar-  
gente da 1.<sup>a</sup> companhia da Joven Guarda." - Des-  
dobrou o requerimento e começou a ler com ar  
carrancudo, mas á proporção que hia lendo, hiam-  
se-lhe cressorrendo as sobrancelhas, e acabou excla-  
mando: "Ah! bem se vê que são filhos dos meus  
valentes!" -

Proque

Pois elle disse-te isto?

Theodoro

Accrescentando: - "Volta p'ro teu collegio, meu filho!  
É apesar de me voltar a cara, eu vi que em seus  
olhos brilhava uma lagrima!" -

Ernesto

Algas a resposta, a resposta!



Theodoros.

Estou certo que nos será favoravel, e que não se  
hade demorar muito... Olha, ellaahi vem. —  
(O Commandante abre a Cancellia de fundo)

Todos (ajustados)

O Commandante!... Oh!... Formam-se todos em duas  
filas)

Scena 14.<sup>a</sup>

Os mesmos, e O Commandante,

O Comm.<sup>te</sup> (no centro)

Sr.<sup>es</sup>, acabo de saber que se praticou uma in-  
fraccão de disciplina! — Estão todos presos! — Entra  
um ajudante do Imperador.

Todos (afflicto)

Sr.<sup>es</sup> Commandante! —

Ajudante (vindo a frente)

Sr.<sup>es</sup>, — venho trazer-lhes a resposta de S. Mage.<sup>te</sup>! —

Todos

A resposta!! — (O ajudante entrega um officio ao Comman-  
dante.)

Ajudante (aos Alumnos)

Amanha partirão todos para a Alemanha! —

Todos (com um brado prompto, ale-  
gre, e cheio de enthusiasmo.)

Viva o nosso Imperador! Viva!...

Sim So S. acts.

22  
Luis

# Acto 2.

Interior com jardim. Mesas e bancos. No fundo uma tapeira, bastante alta com enrejados. À esquerda entrada de um bonito pavilhão. Uma gaiola pendurada n'um arbusto ao N. bastidor à direita.

3  
Cena 1.  
Malvina, Condessa <sup>sentada trabalham</sup>  
ao lado do bosque da direita, Escolastica  
em pé.

Escolastica 1  
Isto, se assim continua, moveremos todas á fome!

Condessa 2  
Que dizes, irmãa Escolastica?

Escolastica  
Digo, Sr.<sup>a</sup> Condessa, que hoje não temos no Convento nem a mais pequena coiza que se coma; e demais a mais o nosso mordomo ainda não voltou.

Malvina 3  
Pois tão difficeis estão sendo na Alemanha os generos de primeira necessidade?

Condessa  
Que queres, minha Sobrinha, os nossos gloriosos Alemães estão interceptando todas as estradas; e é por esta mesma razão que ainda aqui se acha esse

Sargento Francez a quem teu pai te confiou. Elle  
bem tem querido ir reunir-se ao seu regimento, e  
a mim deve, se ainda se não arriscon a tama-  
nho perigo. —

Malvina

Elle faz quanto pôde para mostrar o seu agradecei-  
mento; apenas soube que o nosso corinheiro tinha  
sido recrutado, logo se offereceu para o substituir.

Condessa

É por signal que tem praticado milagres; — não sei  
como elle faz p.<sup>a</sup> arranjar os bellor quizados que  
todos os dias nos apresenta! —

Malvina

Os Soldados velhos são muito cuidadosos. —

Escolastica (no pé do papagaio)

To' cá ao meu loiro é que elle nunca se lem-  
bra; pois eu não sou apim, sempre tractei os bru-  
tos como se fossem meus semelhantes! — (diverte-se  
fazendo festas ao papagaio.)

Malvina

O peor é que em breve será obrigado a abando-  
nar-nos... (ai pth., triste.) E eu ficarei sem ter quem  
me falle de Ernesto! —

Escolastica

Decerto; ouvi dizer que os Francezes tinham ou-  
tra vez derrotado o nosso glorioso Exército, e que  
já se achavam a muito pouca distancia d'aqui!

Malvina

Os Francezes!... Que ventura!.



23

Condessa (com severidade.)

Spinha Sobrinha! — (A Escolastica com dignidade)  
Escolastica, vá dizer ás nossas irmãs que não te-  
mam a chegada dos Franceses... (com impáfia) as  
Canonizas da Ordem de S.<sup>to</sup> Alberto — foram sem-  
pre inviolaveis! —

Escolastica

Inda assim, Deus os detenha por lá! — (sahindo hor-  
rorizada) Isto de Soldados são capases de tudo! — (Sae)

Cena 2.<sup>a</sup>  
Condessa, e Alvalina

Condessa (xangada)

Porque foi essa alegria, minha Sobrinha, quando  
ouvis fallar na chegada dos Franceses?

Alvalina (alegremente)

São meus compatriotas, minha tia, não imagina  
o prazer que sinto, em pensar que os vou tornar  
a ver. —

Condessa (com intencão.)

Porque talvez espera receber por elles, noticias de  
certo alumno d'um Collegio militar...

Alvalina

O que! pois sabe?

Condessa

Seu pai fallou-me n'isso, na sua ultima carta,  
mas tire d'ahi o sentido, minha Sobrinha; jurei  
que não entraria na minha familia, nem mais

49  
um soldado d'esse Bonaparte que detesto, e que me paga na mesma moeda.!

Alpavina

Onde nasce tamanho odio?

Condessa

Estas coisas não se contam a meninas; mas é um exemplo que lhe não será inutil nas actuaes circumstancias. — Sente-se. (Alpavina toma um assento depois de ter dado outro á Condessa.) No anno de 1796, quando os exercitos republicanos invadiram a Alemanha, era eu... (emendando vivamente.) quero dizer, tinha eu uma amiga tão linda e tão candida como um anjo! Um Official Francez quasi moribundo. foi recolhido em sua casa, e a desgraçada á força de lhe prodigalizar esmero e attencões, deu-lhe tambem o seu amor! — Mas o monstro apenas se achou restabelecido das suas feridas, partio para alcançar de seus chefes a permissoão de um enlace, que segundo dizia, era o seu voto mais ardente, porem desde entao nunca mais nos deu noticias suas!

Alpavina

E ella, minha tia, e a sua amiga?

Condessa (atrapalhada)

A minha amiga... (mascando) Sim, a minha amiga, e não pôde resistir, e morreu dando á luz um filho, que eu por vingança...

Alpavina

Acabe...

*[Handwritten signature]*

Condessa

E por desfeita enviei ao Imperador! - (com force)

Alvina

Pois atreveu-se? (afutada)

Condessa (com gôzo altivo.)

Bonaparte nunca me ponde perdoar! Elle, a quem todos os Reis se curravam, encontrava uma mulher a fazer-lhe frente! (rindo.) Ficou furioso, e desde entao p'ra se vingar - não tem cessado de devastar a minha Patria! -

Alvina

Pois é possível?

Condessa

O casamento de tua mãe com um Official Francez, foi logo a primeira pirraça de Bonaparte!

Alvina

Sim?

Condessa

A batalha que se deu na Prussia - mesmo ao pé dos meus dominios, ninguem me tira a seisma que foi tambem por pirraça a mim! -

Alvina

Minha tia...

Condessa

E agora, esta marcha p'r'aqui, de todo o exercito, é ainda esprepamente para me fazer pirraça!

Alvina

Nunca julguei que o Imperador tivesse tempo para pensar...



27  
Condesa  
Ficou comigo atravessada na garganta!.. Oh! mas  
não consegue humilhar-me!..

Scena 3.  
As mesmas, e Grão-de-Sab.,  
com jaqueta branca e gilete branco.

Grão (cantando m.<sup>to</sup> alto, e sem  
ver a Condesa)

Bm. { Viva a França, o amor, e o prazer,  
Que a vida do Soldado é gozar e combater! }

Alpavina

Então, Sargento! — (mostrando-lhe a Condesa)

Oh! Sr.<sup>a</sup> Condesa, queira perdoar! —  
Grão (vendo a Condesa.)

Condesa  
Chega-te, honrado homem, sei os obsequios que te de-  
vemos...

Grão

A mim?

Condesa

Le não fizes tu, sabe Deus o que teríamos comido  
estes últimos dias! —

Grão

Não falle si' isto, minha Sr.<sup>a</sup> — Como eu na Rus-  
sia também me tinha acostumado a certos petis-  
cos, disse agora comigo: Vamos arranjar uns quixotes

25  
*[Signature]*

no mesmo genero, a estas pobres velhas, deixem  
me exprerpar afim! —

Alvina (vivam<sup>te</sup>)

Então! —

Grão

vão s'entende com a meninas!

Condessa (com altiver.)

Que dizes? ..

Grão

Dem com a Sr.<sup>a</sup> Condessa... eu sei o respeito que  
lhe devo!

Condessa (mais affavel.)

Escuta, está-me parecendo que te achas atropa-  
lhado p'ra nos dares hoje d'almoçar?

Grão

Esta enganada! Hade almoçar — Sr.<sup>a</sup> Condessa, e  
um piteosinho de comer e chorar por mais! —

Condessa

Deveras? ..

Grão

E tambem hade haver jantar!

Condessa

Stá bom, é um homem milagrôso! Vamo-nos,  
minha Sobrinha. —

Alvina (riudo.)

Com que então, almoço e jantar? —

Grão

Sim Sr.<sup>a</sup>, almoço, e o jantar á hora do costume!  
(A Condessa e Alvina saem)

25  
Scena 4.<sup>a</sup>  
Grão-de-Sal, (só.)

Grão (m<sup>to</sup> preocupado.)  
A' hora do costume! - Lá o jantar não é que me dá cuidado, d'aqui até lá alguma coisa me hade apparecer... mas o almoço, o almoço é que me atrapalha!.. Não tenho absolutamente nada que pôr ao lume!.. Até aqui - tenho-lhes apresentado sempre variedade: - Costeletas de cão, bifes de gato, caldo de rataranas... mas hoje f. desgraça - nem uma formiga me apparece...  
Valha-me Satanas!.. (busca pelas arvores.) Nada, nem um caracol, nem uma lagarticha!.. (Simão entra pela direita.)

Escola Superior de Teatro e Cinema  
Scena 5.<sup>a</sup>  
Grão-de-Sal, e Simão, com um papel  
na mão. -

Simão (entrando com precipitação.)  
Ser aqui - que eu vêr menina branca, e Cappitão vir prompto com seu regimento. -

Grão  
Que bicho será este? - Se eu o quizesse com batatas...

Simão (com alegria reconhecendo.)  
Oh! Targento de minha alma, venha um abraço!

Grão (m<sup>to</sup> m.)  
Esperem, é o negro lá do Collegio!.. Então tu deixaste



26  
Ligueros

a rapaziada? (abraçando-se)  
Simão

Rapaziada estar já em Alemanha, e mim ser  
cozinheiro de seu regimento! —

Grão (com alegria)  
Estão na Alemanha?...

Simão  
E exercito Francez estar já a duas legoas d'agui!

Grão  
O exercito Francez?.. que dizes?!.. (fôra de si.)

Simão  
Sim, hoje mesmo vai marrar em Alemães! —

Grão  
Vão batter-se! — E eu não estou na primeira  
fila! — Leve o diabo a corincha, o avental e os  
quizardos!.. não crebeste que és cozinheiro? Que-  
res ficar em meu lugar?

Simão  
Sim, querer; Cappitão vir p'r'agui abolotar! —

Grão (á pte.)  
Demais a mais os meus recursos já estavam es-  
gotados, pôde ser que este invente algum outro!  
(alto.) Então — tracta immediatamente de fazer o  
almoco p. a Condesa... qualquer coisa basta... um  
frango, um pato corado...

Simão  
Sim, corado com manteiga!

Grão  
Mas olha que não temos manteiga!

\*

14  
Simão  
Então, tocinho miudinho!..

Grão  
Miudinho, e' isto, vejo que entendes do teu officio!

Simão  
Venham, venham os temperos!.. (arregalando-se.)

Grão  
'Stas doido! nós temos lá temperos!..

Simão  
Não ter temperos?... É o pato?

Grão  
Pato me pareces tu, deixa-me expressar assim!..

Simão  
Então como heide fazer almôço?

Grão  
Aqui tens o avental e o barrete, arranja-te como poderes!.. Vou dizer á Condessa, que lhe deixo outro cozinheiro, e que parto a galope p'or o meu regimento!.. Adeos... (ameaçando.) e olha que se não arranjares um bom almôço... (mette-lhe o gôrro até aos olhos, e sai de vareda)

Scena 6.<sup>a</sup>  
Simão - (so.)

Simão (levantando o gôrro que tem mettido até aos olhos)

Oh! Siôro de minha alma!.. Alguim não pode cōrar pato sem pato!.. (prepara de repente no papagaio, abre

\*

27  
*[Signature]*

muito os olhos, e faz um movimento d'alegria.) Oh! lá  
está um frango muito bello! (corre á gaiola, e safa-  
se com o papagaio, que mette no boimet, ou no peito, e  
finge sentir que é picado.)

Scena 7.<sup>a</sup>

Theodoro, (já é estoller.) á frente dos  
Alumnos, Roque, (já é Gorgento.)

(Os Alumnos vem marchando d'arma ao hombro, com tambôres  
e pifanos á frente; perfilam por diante ao publico, e chegam ao  
fundo, onde se formam em batalha. - tudo ao som do coro seguinte.)

(Coro.)

Escola Superior de Teatro e Cinema

Theodoro |

Alt. fent! Pela esquerda perfilar! Descançar...  
arm's! - Descançá-! (Todos os Alumnos rompem as fi-  
las e põe-se a esquadrinhar por todos os lados, batendo  
muito no chão - com as coronhas das armas.) Não esta-  
rá por aqui ninguém? (batendo com os côjos da  
espada) Oh! de casa? apparece alguém, ou pönho  
tudo a ferro e fogo? (com arrogancia batendo o pé.)



(O Sr. Alvimus chega-se a Theodor, faz-lhe uma continencia e finge pedir-lhe para o deixar affastar. — Theodor com: ede, e elle retira-se.)

Roque 2

Opera Alfêres! —

Theodor (com asperesa)

Que mais temos?

Roque

O Regimento está momentão com fome; eu por mim já não posso com os ofos! —

Theodor

Olhem que soldados estes!... (P'os soldados com arreganhos e gritando) Comam cartuchos, com um milhão de coriscos!... (baixo a Roque e mudando de tom) Oh! Roque-  
zinhos, vê se me arranjas um bocadinho de pão com manteiga! —

Roque

Se o meu Alfêres nos permite, ha alli um pomarinho de laranjas — que está mesmo suspirando por a gente! — (apontando.)

Theodor (espantado.)

Laranjas?!... E tu estavas callado com isto?!... (Aos soldados.) A ellas, granadeiros! a ellas, que tem farda encarnada!...

Todos

A ellas! a ellas!... (vão p. avançar precipitadamente. Ernesto apparece)

Scena 8ª

Os mesmos, e Ernesto.

*[Handwritten signature]*

Ernesto 3

Que alarido é este, camaradas?... Perdeste o juizo, Theodoro?..

Theodoro 2

Que quer, meu Capitão... não pude sustentar os Soldados! Querem por força dar uma carga ao pomar!

Ernesto (baixo, levando-o à parte.)

Não sabes que podiam apunstar Malvina?...

Theodoro (baixo.)

O que? a tua Malvina está aqui?..

Ernesto (o mesmo)

Sim, foi Simão que mi'a descobrio! -

Theodoro (o mesmo)

Ah! maganão! por isso nós viemos descansar para esta quinta!..

Ernesto (o mesmo)

Calla-te! vem gente! -

Theodoro (o mesmo)

'Stá bom, 'stá bom!..

Scena 9.a

Os mesmos, e Escolastica, com um cetro no braço, seguida de outras Canonizas, que trazem vinho e pão; depois Malvina.

Para as Canonizas, devem escolher as mais velhas e feias o que não será difficil!

Ernesto (com muita urbanidade)  
Podem aproximar-se, minhas Srs.<sup>as</sup>, nada tem a recei-  
ciar; os meus soldados sabem guardar todas as at-  
tenções que são devidas ao bello sexo. —

Todos 3

Podem estar certas que nenhum de nós se atreve...  
(apto.) São todas tão feias!..

Escolastica 1

A Sra.<sup>a</sup> Condessa em quanto não vem, encarregou-  
me de em seu nome os receber. —

Theodoro (baino a Ernesto)

Esta, pelo bigode, é o porta-machado cá de casa! —

Ernesto (baino)

Calla-te, demonio! —

Escolastica (p. as outras)

Que lindos militarzinhos! — D'estes, não tenhamos nós  
medo que nos atacassem! — Todas ellas vão aos rapazes  
e dão-lhes pão e vinho.

Theodoro (que tem ouvido)

Aí a granadeira que também se prefila!.. pois não;  
pode entrar! —

Apalvina (entrando)

Escolastica? Escolastica? — (vendo Ernesto) Ah! —

Ernesto (a Theodoro) 3

E' ella! não se entretens a velha! —

Simão (entrando com uma travessa na  
mão, q. vai pôr na mesa ao  
lado da bosquesinha)

Aqui estar franganito corado, muito bom! —



*[Signature]*

4 Theodoro (a Escolastica)

Então eu não tenho nada, ma ingrata? (querendo abraçá-la p. a afastar de Malvina) Ah! cachorrinha, se eu não fosse já casado!...

Escolastica 3

Então, esteja quieto! (dá-lhe vinho)

Ernesto 2

Como sou feliz, Malvina, e como estava longe de esperar esta ventura! —

Malvina 1

Eu tinha um presentimento que nos havíamos tornar a ver! —

3 Simão (puchando pela farda d' Ernesto)

Capitão, vem provar meu frangarito. —

Escolastica (dirigindo-se a Ernesto.)

O Sr. Capitão não toma coisa nenhuma? —

Ernesto (vivante.)

Sim, sim m.ª Sr.ª, eu hia agora mesmo. (Sentando-se á mesa, e pede a Malvina que venha p. o seu lado.)

2 Theodoro (trazendo Escolastica p. a scena, e dirigindo-se aos Alunos com o copo levantado.)

Camaradas, á saude d'estas virtuosas mães, e do seu vinho reanimador! —

Todos (levantando os copos e alegremente.)

Sim, á saude  
De quem bom vinho,  
Prompto, e fresquinho.

Hoje nos dá . -  
Viva quem matta  
coisas seccuras,  
Virgens mais puras  
Não, não, não ha!  
Viva! Viva! viva!..

Ernesto

O' Simão, como demonio fizeste tu o teu assado,  
que está tão duro que se não pode comer? -

Simão

não ser culpa minha, ser culpa d'aquelle perro  
encarnado e verde que vim saccar d'aquelle gaiola!  
(apontando p. a gaiola)

Escolastica (levando as mãos á ca-  
beca - afflita.)

Jesus! o meu querido loiro!.. (corre á gaiola e mos-  
trando-a varria)

Todos (zargalhada estrepitosa)

Ah! ah! ah!..

Escolastica (desfeita em lagrimas.)

Um bratinho na flôr da idade!..

Theodoro (apertando as ilhargas, e  
rindo sobre um banco.)

Oh! patife, pois tu foste a spar o papagaio d'aquel-  
la centopêa?!.. (Escolastica tem se deixado cair sobre um  
banco ao lado do pavilhão. Os Alumnos ródiam-na)

Ernesto

Acredite, Malvina; estou decidido: se não conseguir

abandonar sua tia, hoje mesmo deixarei d'existir! —

Alvina

Tenha esperanca, e viva p<sup>a</sup> me possuir! —

Simão (beijando a mão de Alvina)

Oh! sim, bravo! bravo!...

Scena 10.<sup>a</sup>  
Os mesmos, e a Condessa.

Alvina (vendo-a)

Oh! meu Deus! minha tia! —

Simão

Perra de tia!...

Condessa (severamente)

Que estava aqui fazendo, minha Sobrinha? — (Alvina na fôze do sitio onde estava)

Ernesto

Minha Srr.<sup>a</sup>, tenho a honra...

Condessa

Provavelmente é o Srr. Cappitão Ernesto.

Ernesto

Um criado de V. Ex.<sup>a</sup> —

Condessa (á pt.)

Compreheudo! mais outra perraca do Imperador!...  
(a Ernesto) Cappitão, diga a quem o manda, que estou prevenida, e que minha Sobrinha — nunca será esposa d'um Official de Bonaparte! —

Ernesto (á pt.)

Oh! meu Deus! —



Simão (ap. indignado)  
Estupida de Blanca velha!

Condessa  
Ainda que esse Official tivesse uma fortuna igual  
a' nofa, e um nome illustre como o de Waldemar!

Simão (ap. sobresaltado e vivante)  
De Waldemar?!... ella dizer Waldemar?!...

Ernesto  
Comtudo, minha Torr...

Condessa  
Nada quero ouvir; a minha resolucao é irrevocavel!...

Ernesto  
Porém...

Condessa (com dignidade)  
Capitão, deixo a' disposicao da sua tropa este la-  
do do parque. - Fique-se com Deus! - Venha Malvina.  
(Sae, acompanhada de Malvina e das outras Canorizadas.)

Simão (com muita alegria a  
Ernesto)  
Oh! mim não enganar... ella dizer: Waldemar!-

Ernesto  
Sim, mas q. temos nós com isso? (vira-lhe as costas  
e affasta-se.)

Simão  
Que ter? que ter?... (esfregando as mãos, e saltando de con-  
tente.) Ter muito, muito, muito!...

Ernesto  
Tentarei fallar-lhe ainda outra vez! sim, - pôde

\*

*[Signature]*

ser que a convença! (Lae agitadamente.) E

Simão (agitado)

Apim correr muito, buscar carteira, papeis... Wal-  
demar... Oh! Oh! Oh!

Theodoro *[faded]*

Ouve cá, ó carapinha *[faded]*

Simão (empurrando)

Apressa! ter muita pressa! (Lae correndo para o lado do  
parque.)

Theodoro

Olha que te tiro uma orelha!

Scena 11.<sup>a</sup>

Theodoro, e Alumnos.

Theodoro

E então, que me dizem ao nosso Capitão, todo a-  
provementado por a velha não lhe dar a pequena!  
Tome-lh'a á bayoneta callada! (Toque de cornetas  
ao longe.) Camaradas, bem ouviram; para descan-  
sar não temo mais que estas camas, por mu-  
ito favor... (Estende-se sobre uma cadeira, os mais  
Alumnos fazem outro tanto.)

Proque (deitado em duas cadeiras)

Ai os meus ricos ossos!

Theodoro

Pra outra vez trazer um colchão de casa!

Sentinella

Quem ~~sai~~ vem cá!

76  
Theodoro  
Olá!!! (levantando-se rapidamente) Que é isto?—

Scena 11.<sup>a</sup>  
Os mesmos, e Escolastica, correndo  
muito afflicta

Escolastica |  
Ai, salve-nos, salve-nos, meu querido Sr. Theodoro!!!

Theodoro  
Que é?... que ha de novo?

Escolastica  
São uns poucos de soldados muito feios que que-  
rem entrar por força!... d'esta vez é que nos  
roubam, nos saqueiam...

Sentinella  
Quem vem lá?... (grande berro)

Theodoro (a Escolastica)  
~~Escute!!! (Escuta)~~

Voz (dentro)  
Primeiro Batalhão da Guarda Veterana!

Sentinella  
Facam alto; — não se entra!

Voz (dentro)  
A Guarda entra por toda a parte!

Theodoro  
~~Eu vou reconhecê-los. (A este tempo — João de Sal, entra~~  
pelo outro lado da tampa)



*[Signature]*

Grão

Então entra ou não entra! (Escolástica solta um grito.)

Theodoros

Aí armas! aí armas, Camaradas!... (Todos se levantam e ameaçam Grão. Alguns põe as armas á cara.)

Scena 10<sup>a</sup>

Os mesmos, e Grão-de-Sal.

Grão

Que é lá isso, seus recrutas endiabrados! então querem fuzilar quem os ensinou a dar ao gar- tilho?!

Todos (reconhecendo)

O Sargento Grão-de-Sal!... (suspensamente)

Escolástica

É verdade! (ouve-se um tiro de peça)

Todos (applicando o ouvido)

Um tiro de peça?!... (Escolástica sóe.)

Grão

É a refrega que principia... Agora é que se vê quem é homem!... (com enthusiasmo) Animo, va- pazes! animo, e vamos a elles!... (sóe)

Theodoros (com fogo)

Granadeiros, entra em fôrma... Ambró... arri's!... (Formam-se em batalha rapidamente.)

Leopoldo.  
Os mesmos, e Ernesto, com um offi-  
cio na mão, e seguidos cos Granadeiros  
Coa Guarda Imperial,

Ernesto.  
Camaradas, o exercito Francez ataca n'este momen-  
to as linhas inimigas; o Imperador enviavos os  
mais valentes da sua guarda, (designando Grao e os  
granadeiros.) para que formados em nossas filas,  
nos ensinem o caminho da gloria. (com muito  
enthusiasmo e muito alto) Camaradas, e' a nossa  
primeira batalha! Lembrai-vos que dois exerci-  
tos tem os olhos sobre nós!

Grao (com enthusiasmo)  
E sobre tudo, que ainda não tendes bandeira!  
(Os alumnos, e atraz d'elles os granadeiros, desfi-  
lam os ordens de Theodoro. Ernesto e' detido por Li-  
mão.)

Limão (que entra - correndo co-  
mo um louco.)

Capitão, Capitão, mim vir louco de conten-  
te, mim ter descoberto mysterio!. Ganhar vózo  
a cruze; ganhar cruze para ser ditoso!

Ernesto  
Não! p'ra mim não ha esperanca senão na  
morte que vou procurar!. (Lae precipitadamente  
de espada alçada.)

*[Signature]*

Simão (gritando-lhe)  
Oh! não, não... ganhar cruce sem morrer...  
min vai já fallar a velha Condessa! (Dirige-se  
pa quinta.)

Scena 5.<sup>a</sup>  
Simão, a Condessa, e um Criado.

Durante esta scena ouve-se ao longe o estrondo do combate, e os  
toques analogos.

Simão.

Oh! ella aqui vir! -

Condessa!

Crêdo, que homem tão vingativo!... Vir dar batalha  
mesmo d' minha porta! (Reparando em Simão)  
Quem é este negro?

Simão.

Este negro ser defensor, protector de Cappitão Ernesto,  
entender vós?...

Condessa (ao Criado)

Por-mo já d'aqui p. fora!...

Simão (recuando e ameaçando o  
criado com a cabeça.)

Não chega, que te far um buraca na barriga!  
... (o Criado retira-se) A Condessa Espira vem pedir  
a vós - dar immediatamente menina bonita  
a meu Cappitão! -



46  
Condesa  
Minha Sobrinha?!... nunca! -

Simão  
Ah! vózo não querer?! - então mim ir dizer a to-  
do mundo, muito alto, muito alto, que meu Cap-  
pitão ser vózo filha!..

Condesa  
Meu filho?!... que horror!..

Simão  
Meu ter aqui todas as provas! todas!.. (mostrando)

Condesa  
Provas?!..

Simão  
Sim, muitas provas... muitas... Olha... cartas assigna-  
das por Leonor Watoemar...

Condesa (offlicta e vivamente)  
Quem te deu isto?

Simão (contendo)  
Todas para o Capitão Derville! -

Condesa  
Derville?!... Pois o joven Ernesto...

Simão  
Ah! ah! Sr.<sup>a</sup> Blanca! - E vózo retrato muito bonita...  
agora já não parece! - (mostrando-lh'o)

Condesa (pegando no retrato; baixo  
e supplicante)

Calla-te em nome do Ces! - Este retrato é d'uma  
amiga minha que já não existe! - Por piedade...  
calla-te, - calla-te!..

*[Handwritten signature]*

Simão (baixo)

Oh! sim, mim calla, mas se vós não dar bonita branca a meu Cappitão, mim vai já gritar muito alto! (gritando quanto pôde) Cartas ser de sua amiga, retrato ser de sua amiga, mas filhos - ser d'ella, - muito d'ella!

Condessa

Dou-te o que tu quizeres, entrega-me esses papeis! -

Simão

Oh! não, não! - estar aqui tambem carta em que Imperador permittia seu casamento! - (mostrando-lha)

Condessa (leudo)

O Imperador!... Sim, é verdade, dava-nos o seu consentimento... e eu que o accusava! -

Simão

E este: (mostrando um testamento) Cappitão Per-ville dizer a mim: "Se meu orphão servir bem a França, entrega-lhe este testamento em que o reconheço por meu filho!" -

Condessa

É possível?... (dirigindo-se ao fundo) Chamem-no, chamem-no... (a Simão) Onde é que elle foi?...?

Simão

Foi morrer, foi morrer... (com arêdume) por máo tratamento de sua... (A Condessa leva as

mãos á cabeça como doida.)

Scena 16.<sup>a</sup>  
Os mesmos, Apalvina, e Es-  
colastica.

1 Apalvina (correndo, muito af-  
flita.)

Apinha tia... minha tia!... ah! vem uns  
pobres feridos!...

Simão (chamando um grito)  
Em?.. meu Cappitao?!

Alunos (dentro)  
Victoria! victoria! victoria!...

Scena 17.<sup>a</sup>  
Os mesmos, os Alumnos, e  
Grão-de-Sal, sustido por elles - e por  
Theodoro

Theodoro  
Victoria! Victoria!... (sustendo Grão-de-sal.) En-  
costa-te a mim, que eu sou robusto!... (com  
enthusiasmo.)

3 Apalvina (Trémula, chegando-se  
a Grão-de-sal.)

Ferido!... Oh! meu Deus!...

6 Grão (com enthusiasmo)  
Não é nada... foi uma arranhadura! - eu



~~Simão~~

precisava sangrado! —

Simão

E Cappitão? — e Cappitão?

Theodoro

O nosso Cappitão? Oh! como elle se portou!..

Grão

Lá tem já a cruz ao peito!..

Todos

A cruz?!..

Simão (doído de prazer, e a  
Grão-de-sal.)

Ter a cruce! elle ter a cruce?.. vóro estar bem certo?..

Grão

Não está má pergunta!.. (A Alpalovina,  
falleando com calor e muito depressa.) Tinha-  
mos posto os Alumnos na frente, p'ra  
que as ameixas lhes passassem por cima  
das cabeças, e viessem cá empregar-se em  
quem já as conhece! Não tardou que  
uma balla levasse o braço do nosso por-  
ta-bandeira! Os Austriacos vendo por  
terra a Aquia Imperial, precipitaram-  
se como feras sobre ella; — debatei a  
defendê-la, levei logo esta catanada! — Um  
alumno então — he lança mão, disputa-a  
ao inimigo — dando cutillada para a direi-  
ta e para a esquerda: Gra o Cappitão

Ernesto! — Favorecido pelos seus companheiros — conseguiu abrir caminho, e corréo coberto de sangue — a deijôr o seu trophéo aos pés do Imperador, que lhe disse — pregando-lhe a cruz no peito: — "Meu filho, a Guarda Veterana ainda não tem bandeira, guarda essa que tão valerosamente defendeste!"  
(Ouvem-se tambores dentro)

Scena 18.<sup>a</sup>

Os mesmos, Ernesto, com a bandeira na mão, entra rapidamente — seguido do Estado-Maior do Exército. — Deve collocar-se no meio dos alumnos.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Ernesto (correndo a Simão.)

Querido Simão!..

Todos (com muita alegria)

Viva o nosso Capitão!.. Viva!.. Ernesto em quanto lhe dão os vivas, mostra em triumpho a bandeira aos seus camaradas. — É a bandeira da Guarda Veterana, crivada de ballas, e rasgada em muitas partes.)

(Entrada)

Simão (correndo a Ernesto, e chorando)

Quem quer beijar sua aba, Sr. Capitão!.. (querendo beijar-lhe a aba da farda)

*[Handwritten signature]*

Ernesto (a Simão.)

Bem vês, debatoe procurei a morte!..

Condessa (que tem estado com-  
templando as feições  
de Ernesto, lançando-se-  
lhe ao pescoço.)

Sim... não ha duvida... são exactamen-  
te as feições da minha amiga!..

Ernesto

Que coiza, Sr.<sup>a</sup> Condessa?!.. (admirado.)

Condessa

Ernesto, as minhas faltas são mais gra-  
ves do que talvez imagina!.. Toppo feliz-  
mente reparal-as... e a mão de minha  
sobrinha... (fazendo passar Malvina, e  
entregando-a a Ernesto.)

Ernesto (no maior auge de  
prazer.)

Tanta ventura, minha Sr.<sup>a</sup>!.. Como pu-  
de merecer...?

Simão (a Ernesto)

Ler um mysterio!.. (muito baixo) Apin  
depois - dizer a vós! -

Theodoro (com orgulho a Grao-de-  
sal, fingindo retorcer  
os bigodes.)

Então, Sargento, somos uma sucia de  
badamêcos?..



~~Sim~~

Grão  
Não Sim! Não Sim! São uns bravos, uns  
leões, uns toirosinhos pequenos... deixem-me  
expressar assim!..

(Sim)

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Sim.

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema